

Fortalecendo memórias afetivas de adolescentes institucionalizados: relato de experiência de oficina de fotografias

Strengthening affective memories of institutionalized adolescents: report of a photo workshop experience



Elaine Cristina Dias Franco¹, Edilene Aparecida Araújo da Silveira², Gabriela Duarte Carvalho³, Letícia Eugênio Mota⁴, Stefany Brito Pereira⁵, Thaynná Mendes Lopes⁶

RESUMO

Objetivo: Relatar a experiência da aplicação da oficina de interação “Revisitando minhas memórias” com adolescentes institucionalizados. **Metodologia:** O presente estudo é um relato de experiência de caráter qualitativo descritivo, elaborado pela equipe de trabalho do Programa de extensão ACOLHER, tendo como público-alvo crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. A oficina foi realizada em agosto de 2019, com a participação de 15 adolescentes com idades entre 10 a 17 anos, pertencentes a Casa de Acolhimento A, como ferramenta de intervenção psicossocial. A atividade foi dividida em duas etapas, tendo a fotografia como dispositivo de interação e disparador da memória social e afetiva nos adolescentes. **Resultados:** A presente experiência possibilitou aos adolescentes reviverem momentos importantes de suas vidas, permitindo-os se expressarem, lembrarem boas memórias e se posicionarem frente à sua realidade, tornando-se protagonistas de suas histórias, além de integrar tempo, memória e afetividade na construção de sua identidade. **Conclusão:** A atividade permitiu aos jovens uma reconstrução e posicionamento frente a suas representações sociais, minimizando os estigmas oriundos de suas histórias e vivências antes e durante a institucionalização. Ademais, proporcionou a liberdade e a criatividade como forma de expressão, gerando dados positivos e significativos acerca da importância da educação continuada com esse público-alvo, considerando as grandes potencialidades existentes e as perspectivas de futuro promissoras.

Palavras-chave: Abrigo. Institucionalização. Adolescente. Relações Interpessoais. Identificação Social.

ABSTRACT

Objective: To report the experience of applying the interaction workshop “Revisiting my memories” with institutionalized adolescents. **Methodology:** The present study is a qualitative and descriptive experience report, prepared by the ACOLHER extension program work team, with the target audience of children and adolescents in institutional care. The workshop was held in August 2019, with the participation of 15 adolescents aged 10 to 17 years, belonging to Casa de Acolhimento A, as a

¹ Doutora em enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: elaine franco@ufs.j.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8744-7726>

² Doutora em enfermagem psiquiátrica pela Universidade de São Paulo (USP). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: edileneap@ufs.j.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7378-2240>

³ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: gabiduartec.23@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6837-1615>

⁴ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: leticiamotae@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9257-5992>

⁵ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: britostefany65@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8590-7629>

⁶ Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. E-mail: thaynnam.lopes@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-4902-0331>

psychosocial intervention tool. The activity was divided into two stages, with photography as a device for interaction and triggering social and affective memory in adolescents. Results: The present experience enabled adolescents to relive important moments in their lives, allowing them to express themselves, recall good memories and position themselves in front of their reality, becoming protagonists of their stories, in addition to integrating time, memory and affectivity in the construction of your identity. Conclusion: The activity allowed young people to reconstruct and position themselves in front of their social representations, minimizing the stigmas arising from their stories and experiences before and during institutionalization. In addition, it provided freedom and creativity as a form of expression, generating positive and significant data about the importance of continuing education with this target audience, considering the great potential that exists and the promising future prospects.

Keywords: Shelter. Institutionalization. Adolescent. Interpersonal Relations. Social Identification.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a adolescência como um período do ciclo vital compreendido na faixa etária entre 10 e 19 anos, que é permeada por importantes transformações biopsicossociais. No campo biológico são observadas, de forma evidente, alterações físicas, hormonais, maturação cognitiva e sexual. Na vertente psicossocial, denotam-se alterações nas relações escolares, a experimentação intensa de diversos sentimentos, a busca pela autonomia e independência familiar, bem como o anseio por experimentar comportamentos e vivências contemporâneas (COSTA et al, 2019; MALTA et al, 2014).

Trata-se, portanto, de um período de transição das capacidades cognitivas, emocionais e sociais que permitem que o indivíduo se torne, ao final desses anos, um membro adulto da sociedade (HERCULANO-HOUZEL, 2015). Nesse ínterim, a adolescência representa uma fase significativa na construção da identidade, marcada pela presença de conflitos internos e externos devido ao processo de construção e reconstrução da sua própria conformidade, levando esse sujeito a (re)configurar novas funções coletivas e individuais (ALVES, 2016).

Os adolescentes encontram-se em uma constante busca de respostas para seus questionamentos, sejam eles das mais diversas origens, revelando-se assim, seres constantemente imersos em um emaranhado de (trans)formações biopsicossociais (BRASIL, 2019). A adolescência corresponde a um período importante para o desenvolvimento, uma vez que é nesse momento em que o indivíduo adquire diversas habilidades relacionadas ao campo social, motor e cognitivo.

Neste contexto, a adolescência apresenta-se como um período singular do desenvolvimento humano. Durante essas transições, os jovens se apoiam em referências

próximas para se auto definirem. Erik Erikson propõe que o afeto manifestado através do contato do adolescente com a família é uma condição fundamental para o desenvolvimento do sentimento de segurança, que favorecerá a construção do “eu” e do desenvolvimento próprio (GONÇALVES, 2008). No entanto, o desenvolvimento e consolidação desse “eu próprio” é influenciado pelo ambiente e pelas circunstâncias em que o adolescente está inserido, como é o caso dos adolescentes que se encontram em situação de acolhimento institucional.

O processo de institucionalização, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) corresponde a uma medida protetiva para crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social e com seus direitos violados (DINIZ; ASSIS; SOUSA, 2018; BRASIL, 1990). Embora se reconheça a importância do abrigo para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, o processo de institucionalização pode acarretar impactos significativos no desenvolvimento socioafetivo deles. O afastamento familiar provisório e/ou permanente associado à ruptura dos laços afetivos familiares e sociais e; a inserção em um ambiente desconhecido a priori promovem ao longo do tempo sentimentos de medo, insegurança, desconfiança, baixa autoestima, dentre outros (DINIZ; ASSIS; SOUSA, 2018).

Ao adentrar na instituição de acolhimento, o adolescente já traz consigo uma bagagem emocional oriunda de toda a sua história pregressa em relação ao seu contexto familiar e vivência. Enquanto institucionalizado, não significa que toda a sua história percorrida antes dali foi anulada, mas que houve uma somatização de todas as emoções e sentimentos provenientes de toda essa transição (GONÇALVES, 2020). As angústias, queixas, perdas e sofrimentos que perpassam toda essa situação e potencializam vieses identitários, interferem diretamente na construção da sua perspectiva sobre si mesmo. Frente a isso, é necessário o desenvolvimento de atividades que deem voz a esse indivíduo, fazendo com que ele supere através do investimento emocional, o lado obscuro de todo esse recorte da sua vida (COSTA, 2018).

Frente a todo contexto permeado por vulnerabilidades que perpassam o cotidiano da institucionalização de crianças e adolescentes, por meio de uma iniciativa do curso de Enfermagem da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ), foi desenvolvido e implantado o Programa de Extensão ACOLHER. O programa tem como objetivo promover o crescimento e o desenvolvimento biopsicossocial saudável das crianças e

adolescentes em acolhimento institucional. Para isso, são efetuadas semanalmente consultas de enfermagem concomitantemente a oficinas educativas e recreativas que abordam temáticas previamente definidas pela equipe mediante informações adquiridas nas consultas e no cotidiano com as crianças e adolescentes. Dentre as experiências vivenciadas pela equipe, este estudo tem como objetivo relatar a experiência da aplicação da oficina de interação “Revisitando minhas memórias” com adolescentes institucionalizados.

MÉTODO

Trata-se de um estudo na modalidade relato de experiência de caráter qualitativo descritivo, desenvolvido pela equipe de trabalho do Programa de extensão ACOLHER. O programa ACOLHER tem como público-alvo crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional. Este programa de extensão implantado em 2016 tem como linha de sustentação o Estatuto da Criança e do Adolescente associado às Políticas de assistência à saúde de crianças e adolescentes, dentre outros relatórios e diretrizes que prezam pela condição do adolescente como sujeito de direitos considerando sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Semanalmente, a equipe de trabalho formada por 15 estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, um residente dentista do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adolescente e duas docentes da Universidade Federal de São João del Rei desenvolve consultas de enfermagem e odontológicas para acompanhamento do crescimento e desenvolvimento dos acolhidos associadas às oficinas de grupo com temáticas identificadas nas consultas e nas interações em grupo com os adolescentes.

A oficina “*Revisitando minhas memórias*”, objeto de relato deste artigo, foi realizada em agosto de 2019 e contou com a participação de 15 adolescentes pertencentes a Casa de Acolhimento A, com idades entre 10 a 17 anos. Ressalta-se que a oficina neste estudo é considerada como uma intervenção psicossocial que busca o envolvimento integral dos participantes com a expressão de suas formas de pensar, sentir e agir (AFONSO, 2018). Entende-se a oficina como um espaço de diálogo e produção que convida à participação, ao encontro, a escuta atenta, e a fazer da experiência vivenciada um ato de reflexão.

A oficina “*Revisitando minhas memórias*” pautou-se na finalidade de favorecer a reflexão dos adolescentes acerca de suas vivências pretéritas, junto à equipe ACOLHER, a (re)modelagem de suas identidades e suas expectativas de vida futura. Nesse ínterim, a oficina constituiu-se de duas etapas que foram mediados pelo uso de fotografias como dispositivo de interação e disparador da memória social e afetiva dos adolescentes. Diante do exposto, a equipe ACOLHER buscou favorecer o processo de resgate da identidade desse público através de uma oficina lúdica, utilizando fotografias. Tal atividade vai ao encontro do conceito firmado por Flávio Colker em que discorre acerca da importância da fotografia para definir a identidade do indivíduo. Assim, a fotografia resgata não só a identidade, mas também auxilia a compreensão da sociedade em que se vive (COLKER, 2011).

A oficina foi desenvolvida em duas etapas com duração aproximada de 03h00min para o cumprimento de todas as atividades.

Etapa 1 – Aproximações com as fotografias... revisitando as memórias

Inicialmente as atividades foram desenvolvidas na sala de Televisão da Casa de Acolhimento. Houve a organização prévia do ambiente de forma a torná-lo confortável, tranquilo e acolhedor. Os sofás foram reposicionados para favorecer a participação e conforto e, de forma complementar, também foram organizados espaços com almofadas e tapetes para aqueles que desejassem deitar ou se acomodar. Neste momento foram distribuídas entre eles diversas fotografias com suas imagens retratando atividades, comemorações e passeios realizados com a equipe ACOLHER.

Etapa 2 – Pannel de Foto... sorrisos e olhares de encantos

Após as trocas de fotografias, compartilhamento de comentários e memórias, os adolescentes foram convidados a participar da construção de um painel de fotos que após finalizado seria fixado na sala de TV que é considerada por eles como um espaço de socialização. Para a atividade foram usadas folhas de papel colorset, tinta guache, pincel, canetinhas hidrocor, tesoura, cola, glitter, fotos de atividades e passeios desenvolvidos com os adolescentes, uma armação de mdf (placa de fibra de média) em formato de moldura, barbante colorido e prendedores em miniatura para fixação das fotos. A atividade aconteceu ao ar livre na área externa da casa de acolhimento que é composta por um extenso pátio com piso de cimento e jardins com diversas plantas e árvores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta primeira etapa intitulada pela equipe de intervenção como “Aproximações com as fotografias... revisitando as memórias”, a fotografia assumiu o papel de facilitador da comunicação e da (re)construção de memórias sociais dos lugares e dos fazeres cotidianos. A proposição de uma oficina pautada no uso de fotografias trouxe à luz a finalidade primária da intervenção que se relaciona com a oportunidade de (re)construir e tecer memórias afetivas e sociais que possam corroborar para a edificação da identidade dos adolescentes em situação de acolhimento institucional. Instalou-se aí uma forma de representação e ressignificação da realidade permeada por risos, brincadeiras e comentários acerca das experiências vivenciadas, conforme pode-se observar nas Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Revendo as fotografias



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Figura 2 – Reconhecendo-se nas fotografias

Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Neste momento os adolescentes tiveram a oportunidade de expressar e representar a realidade do seu ponto de vista, assumindo a condição de autores e sujeitos ativos de suas histórias, e não apenas espectadores passivos. O espaço de diálogo estabelecido entre os atores sociais, adolescentes, ao acessarem as fotografias promoveu a ruptura com o reforço e/ou valorização de uma determinada verdade sobre os sentimentos e vivências individuais e coletivas. Ao narrarem sobre suas imagens, os adolescentes fizeram emergir lembranças e sentimentos vividos durante as diferentes atividades feitas dentro das casas de acolhimento, mas também em espaços externos como a universidade, parques ecológicos, escolas técnicas, praças, dentre outros. Neste momento os adolescentes trouxeram a luz, como contraponto às verdades absolutas, outras formas de se relacionar com as escolhas, com as abdições, com a vida e seus trejeitos tecidos no cotidiano (BRITO; ZANELLA, 2017).

Nesta interação entre pares e com os cuidadores, sustentada em experiências vividas de forma individual e coletiva, simultaneamente, os adolescentes tiveram a oportunidade de assumirem suas identidades em construção na realidade social de acolhimento institucional que estavam inseridos. Ao mesmo tempo, ainda que de forma não intencional, negociavam o modo como queriam ser reconhecidos e como eram reconhecidos por seus pares (POKER, 2017). Notou-se que o acesso às fotos e

possibilidade de contemplá-las trouxe à tona o poder de eternizar momentos lembrados, trazendo consigo memórias e emoções daquele presente retrato, observados nas narrativas dos cuidadores ao abordarem os adolescentes destacando com amorosidade suas características e comportamentos à época das fotos.

Após esse primeiro contato com as fotografias e as diversas interações estabelecidas entre eles com a manifestação de narrativas, sorrisos e brincadeiras, os adolescentes foram convidados a iniciar a segunda etapa da oficina. Inicia-se aí uma fase de construção de um painel de fotos que foi denominada pela equipe do ACOLHER de “Painel de Foto... sorrisos e olhares de encantos”.

Neste momento, o grupo passou a ocupar a área externa da casa de acolhimento que é composta por extenso pátio com piso em cimento e cercado por jardins e árvores. Ao chegarem no pátio eles tiveram acesso a todo o material didático que seria utilizado para a construção do painel de fotos e foram convidados a utilizar a imaginação e criatividade na produção do painel.

Para essa etapa foram disponibilizados papéis coloridos, cola, tesoura de ponta romba, tintas, giz de cera, lápis de cor, cola glitter e uma moldura de madeira (Figuras 3, 4 e 5), sendo permitida à produção livre de desenhos, origamis e pinturas que os representassem e que poderiam ser associadas as fotos na montagem final do painel.

Figura 3 – Construção do Painel de Fotos



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Figura 4 – Construção do Painel de Fotos



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Figura 5 – Construção do Painel de Fotos



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER.

Ao longo do processo de produção do painel de fotos diversas foram as interações estabelecidas entre os adolescentes e destes com a equipe do Programa ACOLHER e com os cuidadores.

A oportunidade de revisitar as experiências compartilhadas, por meio de fotografias, construir desenhos livres, origamis e por fim fazer todo o processo de montagem e criação do painel de fotos permitiu a sedimentação de que a vivência foi verdadeira e representa parte de suas histórias de vida (DUBOIS, 2012) criando uma

conexão entre tempo, memória e afetividade de quem fez parte daqueles momentos (ARAÚJO; COSTA, 2019). E diante de todo esse “devir”, desse “tornar-se” eis que nasce o Paine de Fotos (Figuras 6 e 7).

Figura 6 – Paine de Fotos: memórias afetivas



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Figura 7 – Paine de Fotos: memórias afetivas



Fonte: Banco de fotos do Programa ACOLHER

Torna-se possível retratar a vivência, o comportamento e o pertencimento àquele grupo, de modo a desmistificar a rotulação que muitos recebem devido a condição vulnerável em que se encontram.

O acolhimento institucional de crianças e adolescentes ocorre quando a família e seu contexto de vida representam um risco para o crescimento e desenvolvimento saudável, não cumprindo com o seu dever de proteção dos direitos da criança e do adolescente (FRANCO et al, 2020). Dentre os motivos para a institucionalização estão a negligência, abandono, abusos e maus-tratos (ACIOLI et al, 2019;). Diante desses contextos, muitas são as marcas e estigmas que recaem sobre essas crianças e adolescentes e os acompanham por vezes durante toda a vida, favorecendo que desenvolvam quadros relacionados à ansiedade, baixa autoestima, dificuldades de estabelecer laços afetivos e sentimentos de tristeza, medo e saudade que de modo substancial vão exercer influência na construção de suas identidades (FRANCO et al, 2020; ACIOLI et al, 2019; COSTA et al, 2019)

A formação da identidade é um dos acontecimentos principais da adolescência, embora esse processo se inicie desde a gênese da vida, é nesta fase que ele se consolida e se encaminha para um perfil mais definido, deixando as características identitárias infantis e caminhando para a aquisição de características adultas (FREITAS; SILVA, 2014). O indivíduo se encontra em constante busca de uma nova configuração de ser, de se reconhecer e de ser reconhecido, verificando-se como parte distinta inserida em um mesmo grupo social. Sendo a identidade permeada por processos constantes de reconhecimento e caracterização, o indivíduo se apropria, inicialmente dos valores e concepções apresentadas por meio dos pais e depois através das relações sociais.

No entanto, os jovens que se encontram em processo de institucionalização são privados de muitas necessidades essenciais nesse processo de estruturação de identidade. A baixa autoestima, a carência de vínculos e o sentimento de inferioridade estão presentes no cotidiano dos mesmos. A esfera do reconhecimento pelo outro é um processo primordial na construção identitária e permite que o adolescente se sinta respeitado, amado e valorizado como ser único e com suas individualidades (SOUZA, 2013). Uma vez que estão inseridos em um contexto de pluralidade, a falha e/ou falta de ser reconhecido estão presentes e interferem no sentimento de identidade, tornando-se necessário um olhar especial para esta questão, partindo das cuidadoras da casa de acolhimento e dos integrantes de projetos parceiros.

Quando esses adolescentes conseguem enfrentar as barreiras apresentadas anteriormente e sentem-se reconhecidos pelos outros, os sentimentos de autoconfiança e autoestima são elevados (SOUZA, 2013). Vinculado a isto, a certeza de pertencimento e

o sentimento de gratidão são favorecidos (FREITAS; SILVA, 2014). Inconscientemente, Adolescente 1 apresenta em seu relato o sentimento de gratidão por ter vivenciado àquela atividade, por relembrar dos amigos e pela possibilidade de representar através da decoração algo importante em sua vida: [...] “Eu gostei muito de participar da atividade! Gostei de ver as fotos, de ver as coisas que a gente já fez, os meninos que saíram... fiz uma pipa pra colar em volta porque eu gosto de soltar pipa e acho importante por ela ali!” (Adolescente 1)

Oportunizar aos adolescentes acolhidos a possibilidade de reviver momentos agradáveis e felizes permitiu que suas memórias afetivas positivas fossem acessadas e que pudessem, ainda que de modo inicial, vislumbrar um futuro onde as vivências positivas permeiam o cotidiano. No decorrer da construção do painel observou-se narrativas compostas de relatos de amizades entre eles, de adoções e retorno para a família de algumas crianças e adolescentes que viviam na casa de acolhimento e do sentimento de esperança e em relação a um futuro promissor, além da expectativa para a vivência de novos passeios e descobertas junto à equipe do Programa ACOLHER.

CONCLUSÃO

A escolha da oficina como estratégia para a intervenção e o uso de fotografias, produção livre de desenhos, origamis e a montagem de um painel coletivo permitiu que as memórias afetivas e experiências positivas do cotidiano fossem acessadas, dando sentido e significado para as medidas de boa convivência social, para valores como respeito, empatia e visão positiva do futuro. As atividades propiciaram a reflexão dos jovens acerca de suas representações pessoais, como se veem e como são vistos por aqueles que compõem seus cotidianos, uma vez que devido às suas histórias de vida marcadas pela violência, abandono e negligência tornam-se desprovidos de esperança e apresentam dificuldade de se definirem.

A reflexão e as relações estabelecidas no decorrer da oficina propiciaram à minimização dos danos decorrentes da história pregressa e da institucionalização, além de favorecer no processo de (re)construção de suas identidades no decorrer da adolescência. A oficina apresentou resultados positivos em relação à reflexão e (re)modelagem de suas identidades em construção, além de dados significativos que justifiquem a importância da realização de educação continuada sobre essa temática,

favorecendo a (re)construção de identidades e perspectivas de futuro promissoras para jovens que sofrem com a estigmatização social.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio financeiro da Universidade Federal de São João Del Rei – Pró-reitoria de Extensão (PROEX) por meio do EDITAL N° 009/UFSJ/PROEX/PIBEX.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, R. M. L. et al. Tempo de acolhimento e características dos adolescentes acolhidos por tipo de serviços institucionais. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 553-562, 2019.

AFONSO, M. L. M. Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. **Editora Artesã**, 3ª edição, Belo Horizonte, 176 p, 2018.

ALVES, A. B. Adolescência e a Construção da Identidade: Análise e Discussão da Sexualidade e Influência da Mídia na Adolescência. **Alcar - Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia**. In: IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, Rio Branco, 2016. Disponível em: http://www.alcarnorte.com.br/wp-content/uploads/alcar2016_adolescencia_e_a_construcao_da_identidade_analise_e_discussao_da_sexualidade_e_influencia_da_midia_na_adolescencia.pdf. Acesso em: 16 out. 2020.

ARAÚJO, B. V. N. O; COSTA, R. X. da. Memória Afetiva na era da Fotografia. **Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. In: XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, São Luís, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0821-1.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BRASIL. Cuidado Integral da Saúde da Criança e do Adolescente, Unidade 2. Módulo 4- Curso de Especialização Saúde da Família. **Ministério da Saúde: UNASUS**, 2019. Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1678/4/5%20-%20Unidade%20-%20-%20Sau%CC%81de%20da%20crianc%CC%A7a%20e%20do%20adolescente.pdf>. Acesso em: 03 out. 2020.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266. Acesso em: 05 out. 2020.

BRITO, R. V. A. de; ZANELLA, A. V. Formação ética, estética e política em oficinas com jovens: tensões, transgressões e inquietações na pesquisa-intervenção. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 12, n. 1, 2017.

COLKER, F. Retrato, Fotografia e Identidade. **Editora Olhavê**, 2011. Disponível em: <https://olhave.com.br/wp-content/uploads/2009/12/Retrato-Fotografia-e-Identidade.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

COSTA, C. C et al. Perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 17, 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1671>. Acesso em: 03 out. 2020.

COSTA, H. M. B. **Terapia ocupacional e dança: favorecendo espaços de encontro para adolescentes abrigados**. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8386>. Acesso em: 01 out. 2020.

DINIZ, I. S; ASSIS, M. O; SOUZA, M. F. S. Crianças Institucionalizadas: Um olhar para o desenvolvimento socioafetivo. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 5, 2018.

DUBOIS, P. O ato fotográfico e outros ensaios. **Editora Papirus**, 14ª Edição, Campinas, 2012.

FRANCO, E. C. D. et al. A oficina educativa no enfrentamento do bullying: uma experiência com adolescentes institucionalizados. **Revista Extensão em Foco**, Palotina, n. 21, p. 286-300, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/73195>. Acesso em: 18 jan. 2021.

FREITAS, E. A. R; SILVA, L. C. A. Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652014000200009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 16 out. 2020.

GONÇALVES, M. A. S. Escola, adolescência e construção da identidade. In: Rute Vivian Angelo Baquero (Org.). **Agenda jovem: O jovem na agenda**, Editora Unijuí, Ijuí, v. 1, p. 312, 2008.

GONÇALVES, P. S. C. **A institucionalização de crianças e jovens e processos de definição identitária: o caso de três acolhimentos residenciais**. Tese de Mestrado (Mestrado em Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão Social) - Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto, 2020. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/32900>. Acesso em: 19 nov. 2020.

HERCULANO-HOUZEL, S. O cérebro adolescente: A neurociência da transformação da criança em adulto. **E-book Kindle**, 2015. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/58522831/o-cerebro-adolescente-suzana-herculano-houzel-pdf>. Acesso em: 01 out. 2020.

MALTA D. C, et al. Tendência dos fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2009 e 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. 1, p. 77-91, 2014

POKER, T. C. D. Políticas de Identidade no Sistema de Acolhimento a Crianças: A História de Vida de uma Pós-Abrigada. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, 2017.

SOUZA, T. S. Análise do Projeto de Proteção a Jovens em Território Vulnerável: vínculos e reconhecimento. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/32192>. Acesso em: 05 nov. 2020.

Recebido em: 24 de janeiro de 2021.

Aceito em: 05 de maio de 2021.